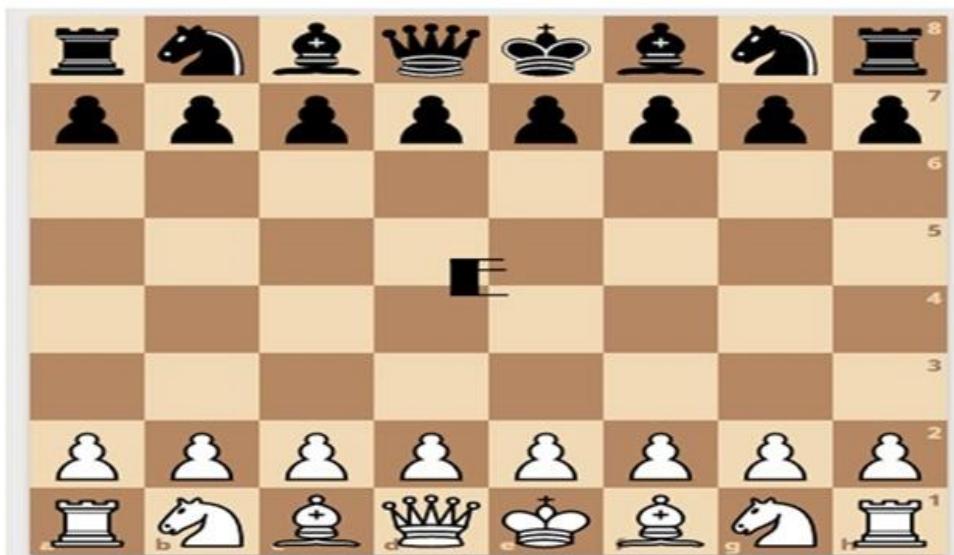


ABERTURAS



ARMADILHAS

ENTREVISTA REALIZADA COM A ATRIZ E EDUCADORA

RITA CLEMENTE¹ EM NOVEMBRO DE 2024

A seção **ABERTURAS E ARMADILHAS** apresenta entrevistas relativas ao campo da Arte e/ou do Ensino de Arte.

¹ Formada como atriz pela Fundação Clóvis Salgado (1990). Possui graduação em Educação Artística com Ênfase em Música pela Universidade Estadual de Minas Gerais (2004), Mestre em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2019). Tem experiência como Atriz de Tv; Cinema; Teatro. Experiência em Direção Teatral e Formação de Atores, atuando principalmente nos seguintes temas: escritura de cena, dramaturgia, direção, atuação, linguagem teatral e técnica de composição.

Revista SAE: Fale um pouco da sua trajetória artística para que o leitor possa te conhecer melhor!

96

Rita Clemente: Sou formada pelo Cefar, hoje Cefart, Escola de Formação de Atrizes e atores, da Fundação Clovis Salgado (palácio das Artes). Paralelamente sempre estive ligada a linguagem musical, seja através dos cursos livres do Palácio das Artes (canto lírico e teoria musical), seja através da graduação na UEMG (Educação Artística com Ênfase em Música)

Revista SAE: Quais os desafios enfrentados por você ao escolher como profissão ser atriz?

Rita Clemente: O maior desafio é a insipiência do Mercado. O mercado de Artes Cênicas, ainda mais. Reduzidos seus dispositivos como, por exemplo, temporadas e fomento através de editais públicos para fortalecimento da atividade Teatral, ficamos à deriva de governos. Por um lado, o fascismo, por outro o assistencialismo sem critérios formativos e de valoração da profissão. E há desafios específicos, também importantes: questões ligadas a linguagem que exigem muito trabalho, pesquisa e desenvolvimento técnico. É natural que haja desafio, mas estamos em um momento irrefletido.

Revista SAE: Como você vê o lugar do teatro hoje na sociedade?

Rita Clemente: Entendemos por Teatro, a área de linguagem, uma Arte que atravessa a história através de manifestações presenciais, diante de um público que compartilha o mesmo tempo e espaço com o artista da cena. Posto isso, não é de estranhar que quase tudo que contenha essa característica, venha a ser chamado de Teatro ou o incorpore como dispositivo. Hoje, envoltos em narrativas que refletem gênero, racismo, feminismo e outras importantes lutas, nos esquecemos da batalha de que trata a sociedade ocidental e seus

sistemas econômicos. Sim, é a luta de classes que nos toca, a todos. Não queremos aqui diminuir as lutas individuais, mas sabemos que sem o “pão” não haverá luta que resista. Se considerarmos o Teatro hoje, por essa perspectiva, pela perspectiva profissional, veremos uma profissão esvaziada por narrativas utilitaristas que não se preocupam com a linguagem artística, mas para que serve; indivíduos que não querem estudar ou exercitar a criação, mas subir ao palco para dizer suas verdades; discussões inócuas, chanceladas por ideologias de mesa de bar, que se utilizam do Teatro como palanque sem, antes, elevarem o nível da discussão ao patamar da criatividade, da inventividade, da criação, da metafísica. Sim, o teatro é um lugar democrático, mas pode deixar de ser, penso eu, se deixar de ser área de conhecimento, se deixar de se importar com o público, se deixar de buscar aquilo que diferencia um palanque de um palco: Arte.

Revista SAE: Você já participou de algum edital público de incentivo à cultura? Em caso afirmativo, quais os pontos positivos e negativos que você destacaria? Fale da sua experiência.

Rita Clemente: Já participei de vários. Fui contemplada em alguns. Hoje, profissionais com experiência, formação e legitimamente referendados pelo Mercado, estão ficando de fora. Editais de fomento ao Mercado das artes são essenciais. Fomento à valorização da profissão de artista; incremento à formação de público e criação de dispositivos de desenvolvimento econômico para as Artes da Cena, são fundamentais. Como atriz, diretora, dramaturga e professora pesquisadora em Artes, eu digo reiteradamente: a escola, os cursos, as atividades de pesquisa fora e dentro das instituições acadêmicas, precisa ajudar os profissionais ou o candidato a profissional, a pensar com seus próprios neurônios, a se apropriar da história (mesmo daquela história que está mal contada) para poder modificar alguma coisa. É importante entendermos que ensinar Arte não é ensinar Arte, é formar gente que possa empreender corajosamente obras e pensamentos que ultrapassem a atualidade, a o modismo, a repetição automática de frases feitas.